

Letramento digital: as nuances do hipertexto no jornal digital

Digital literacy: the hypertext nuances in the digital newspaper

Luisa Miyuki Yoshikawa¹

luisayoshikawa@gmail.com

Rosemari Bendlin Calzavara²

rosemari.calzavara@unopar.br

Resumo

A revolução digital promoveu o surgimento de novos gêneros digitais, imprimindo formas diferenciadas de aprendizagem, no que concerne à relação leitura e escrita, que passaram a ocorrer em telas de *tablets*, leitores eletrônicos, *smartphones*, proporcionando uma experiência visual, tátil e interativa. Nesse contexto, o internauta pode ler as notícias em um jornal digital da maneira que quiser, ou seja, ele pode personalizar a sua leitura. O leitor na *web* pode utilizar o hipertexto sempre que desejar aprofundar o seu conhecimento, de forma não linear e não hierarquizada, permitindo o acesso ilimitado a outros textos de forma instantânea. Assim, é imprescindível o desenvolvimento de um letramento digital que capacite professores e alunos para a utilização do jornal digital como um instrumento que favoreça o desenvolvimento e a ampliação da competência discursiva dos alunos.

Palavras-Chave: Gêneros digitais, Hipertexto, Jornal digital, Leitor, Letramento digital

Abstract

The digital revolution has promoted the appearance of new digital genres, promoting different ways of learning concerning reading and writing which have started occurring on screens of tablets, smartphones, etc. providing a visual, tactile and interactive experience. In such context, the internet user can read the news the way he wants to, that means, he can personalize his reading. The reader on the web can use the hypertext every time he wants to deep his knowledge in a non-linear and non-hierarchical way, instantly allowing unrestricted access to other texts. Thus, it is essential to develop a digital literacy that enables teachers and students to use digital newspaper as an instrument that favors the development and broadening of the discursive competence of the students.

Keywords: Digital genres, Hypertext, Digital newspaper, Reader, Digital literacy

¹ Mestranda em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias – Unopar/Londrina e professora de Língua Portuguesa da rede pública estadual.

² Doutora em Letras pela UEL, professora no Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias – Unopar/ Londrina.

Introdução

A leitura do texto jornalístico é importante para a formação do leitor crítico, pois promove a integração e atuação na realidade social em que está inserido, já que o jornal exerce uma função política. É formador de opinião, desenvolvendo a capacidade de reflexão crítica, essencial para assegurar sua participação como cidadão do mundo.

Nesse espaço, várias vozes sociais manifestam pontos de vistas diferentes, exigindo do leitor o reconhecimento da subjetividade e da ideologia nele implícitas, a partir da análise da organização do material verbal.

Partimos do pressuposto que a leitura do jornal, para ser eficiente, precisa ser subsidiada por um referencial teórico que promova uma compreensão dos textos de modo integral. É necessário trabalhar a leitura, tendo por fundamento as noções de gêneros textuais e a utilização de estratégias discursivas e interacionais.

Portanto, a utilização do jornal digital em sala de aula pode ser mais uma alternativa de leitura, visando a propiciar o desenvolvimento do leitor crítico, exigido pela nova ordem social e pelos princípios estruturadores da atual proposta curricular para o ensino médio.

1. Jornalismo digital

A Internet estabelece novos paradigmas para os meios de comunicação, alterando significativamente o fazer jornalístico, no que diz respeito à veiculação de notícias. Pinho (2003, p. 144), explica que "a interatividade é uma característica que distingue a Internet da mídia tradicional", e, dependendo do veículo, o tratamento dos dados e as relações articuladas com os usuários são diferenciadas.

Para Gonçalves (2000, p. 19),

o jornalismo digital é todo produto discursivo que constrói a realidade por meio da singularidade dos eventos, tendo como suporte de circulação as redes telemáticas ou qualquer outro tipo de tecnologia por onde se transmita sinais numéricos e que comporte a interação com os usuários ao longo do processo produtivo.

Nos jornais virtuais, clica-se um botão para iniciar, avançar ou interromper a navegação, e todas as suas ações convergem para um objetivo definido. Dessa forma, o leitor que navega em páginas de hipertexto vai acumulando conhecimentos, de acordo com as suas prioridades.

Cavalcante (2010, p. 202) considera os *links* como "responsáveis pelas ligações entre blocos informacionais (outros textos, fragmentos de informação, palavra, parágrafo, endereçamento etc.), conhecidos como nós". A autora compara a estruturação textual a um mapa (hipertexto), no qual os *links* são pontos de referência a serem explorados e interpretados, a partir dos conhecimentos prévios e da ideologia do leitor. Por exemplo, no início da *homepage* do jornal *Folhaweib*, publicado em Londrina - PR, aparecem *links*, indicando os diversos cadernos do jornal, como (Política, Geral, Mundo, Cidades etc.), que encaminham o leitor para outros hipertextos afins.

O leitor inserido em uma comunidade virtual participa efetivamente na constituição do seu saber, "cada um pode tornar-se produtor, criador, compositor, montador, apresentador, difusor de seus próprios produtos" (SANTAELLA, 2003, p. 82). Estabelece-se uma relação marcadamente distinta da relação anterior com o conhecimento; com um clique, ele pode verificar, em tempo real, o conhecimento de outras fontes.

Sendo assim, a leitura no hipertexto promove a emancipação do leitor, uma vez que ele não precisa seguir um roteiro determinado pela empresa jornalística, isto é, o leitor pode percorrer caminhos diversos dentro do texto, selecionando pontos que o levam a outros textos, ou outras mídias, para dar uma nova versão ao que foi lido, conforme sua compreensão textual e seu ponto de vista.

2. Hipertexto

Nos dias atuais, o discurso de informação midiática é emoldurado pelo hipertexto. Lévy (1993) relata que Theodor Holm Nelson, em 1964, criou o termo hipertexto para exprimir a ideia de leitura não linear, dentro de um ambiente da informática. O objetivo do pesquisador era disponibilizar uma imensa rede acessível em tempo real, uma enorme biblioteca em que todos poderiam acessar informações diversas, construindo ligações entre fatos, imagens e sons, enfim, produzindo uma teia de conhecimentos. Koch (2002, p. 64) caracteriza o hipertexto, por meio de oito traços constitutivos:

1. não linearidade (geralmente considerada a característica central);
2. volatilidade, devida à própria natureza (virtual) do suporte;

3. espacialidade topográfica, por se tratar de um espaço de escritura/leitura sem limites definidos, não hierárquico, nem tópico;
4. fragmentariedade, visto que não possui um centro regulador imanente;
5. multissemiótica, por viabilizar a absorção de diferentes aportes sógnicos e sensoriais numa mesma superfície de leitura (palavras, ícones, efeitos sonoros, diagramas, tabelas tridimensionais);
6. interatividade, devido à relação contínua do leitor com múltiplos autores, praticamente em superposição em tempo real;
7. iteratividade, em decorrência de sua natureza intrinsecamente polifônica e intertextual;
8. descentração, em virtude de um deslocamento indefinido de tópicos, embora não se trate, é claro, de um agregado aleatório de fragmentos textuais.

Dessa forma, o usuário é convidado a acessar os *links*, ler as notícias, interagir e pode até se transformar em "um coautor do texto, permitindo possibilidade de opção entre caminhos diversificados, de modo a permitir diferentes níveis de desenvolvimento e aprofundamento de um tema" (KOCH, 1997, p. 63).

No hipertexto, não há limites entre leitores e autores. No caso dos jornais *online*, as notícias hospedadas em um determinado endereço da *Web* podem ser acessadas facilmente por todos os membros da comunidade virtual. E o conceito de autoria, na acepção tradicional, tende a se diluir no emaranhado dos elos hipertextuais. Isso nos obriga no mínimo, a repensar as relações entre autor, texto/discurso, leitor, bem como propõe o fim da cobrança de tais direitos (XAVIER, 2010).

Nessa perspectiva, a arquitetura do hipertexto possibilita que as empresas jornalísticas e os leitores possam defender as suas posições político-ideológicas, num espaço virtual democrático. Sendo assim, segundo Pinheiro (2005), é necessário que os professores ensinem estratégias de leitura, para a compreensão das informações veiculadas no ambiente virtual, a fim de que seus alunos apreendam o seu sentido:

Ao interagir com hipertextos, é necessário que eles desenvolvam habilidades e competências requeridas para esse modo de enunciação digital. Como selecionar e filtrar conhecimentos, estabelecer as relações entre os diversos fragmentos [...]. Ainda é necessário ressaltarmos que a leitura não deve ser vista como única [...], é necessário considerá-la em sua multiplicidade e diversidade de vozes, próprias do

hipertexto. Nesse sentido, o aluno teria lugar como um sujeito verdadeiramente agente de sua aprendizagem. (PINHEIRO, 2005, p. 146)

Para tanto, faz-se necessário um estado de integração com as estratégias pedagógicas utilizadas em sala de aula e os recursos disponibilizados pela Internet, pois a navegação aberta instaura uma dinâmica comunicacional, em que a emissão e a transmissão das informações deixam de ser responsabilidade somente dos autores, para se transformarem num espaço aberto à construção de diferentes vozes sociais.

3. Os gêneros digitais

Estamos vivenciando a introdução de novas modalidades de práticas de leitura e de escrita, propiciadas pelas tecnologias da informação e da comunicação. Nesse contexto, é bastante evidente que existe um novo tipo de letramento na cultura digital, criando necessidades de vida e convivência que precisam ser contempladas no espaço escolar, no trabalho e em outros contextos relevantes para o aluno (BRASIL, 2000).

A hipermídia eletrônica instaura uma multiplicidade diversificada de modos de construir o sentido, conforme apontam Cope e Kalantzis (2000, p. 5): “o textual está também relacionado ao visual, ao áudio, ao espacial, ao comportamental”. Essa nova linguagem digital inclui a habilidade de construir sentido em textos multimodais, que mesclam palavras, imagens e sons em um mesmo espaço.

Além disso, os gêneros digitais são também definidos por sua forma, conteúdo, função e suporte, a que as pessoas recorrem para atingir os seus objetivos, e, devido à complexidade das interações verbais, vão surgindo nos gêneros a partir da transformação dos existentes (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004). Por exemplo, a mensagem eletrônica – o e-mail - emergiu de uma forma híbrida de carta, telegrama, telefonema, definido por Paiva (2004) como

[...] um gênero eletrônico escrito, com características típicas de memorando, bilhete, carta, conversa face a face e telefônica, cuja representação adquire ora a forma de monólogo, ora de diálogo e que se distingue de outros tipos de mensagens, devido a características bastante peculiares de seu meio de transmissão, em especial a velocidade e a assincronia na comunicação entre usuários de computadores.

Para os autores, a velocidade na transmissão, o baixo custo, a possibilidade de ser replicado no ciberespaço para milhares de pessoas e a inserção de hipertextos em formato de *links* ou de anexos possibilitam ao internauta a transmissão da informação de forma interativa e criadora.

Marcuschi (2010, p. 31) estabelece um paralelo entre os gêneros emergentes e suas contrapartes pré-existentes, especificando doze novos gêneros digitais: “e-mail, *chat* em aberto, *chat* reservado, *chat* ICQ (agendado), *chat* em salas privadas, entrevista com convidado, e-mail educacional (aula por e-mail), aula *chat* (aulas virtuais), videoconferência interativa, lista de discussão, endereço eletrônico e *blog*”.

O mundo virtual incorporou, em grande parte, gêneros discursivos presentes em outros tipos de mídia, tais como aqueles encontrados em jornal, revista, televisão e rádio. A Internet vem imprimindo um novo modo de veicular a informação, por exemplo, no jornalismo digital, os textos escritos passaram a ser construídos de forma hipertextual, em camadas, permitindo que haja a convergência de várias mídias semióticas: texto oral e escrito, som, fotos e vídeos.

4. A construção de sentidos na leitura do jornal

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) preconizam que “toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva”.

De acordo com Baltar (2006), essa competência diz respeito à capacidade de mobilizar recursos de vários níveis para interagir sociodiscursivamente. Dessa forma, um usuário da língua reconhece que a ela oferece um infinito repertório de gêneros e sabe que, ao produzir seus textos, deve fazer uma escolha, dentro desse repertório, em conformidade com seus propósitos na interação verbal, com seus interlocutores e com a esfera social na qual seu texto circulará.

Compreendemos que o trabalho com a leitura deva oportunizar ao aluno uma participação mais ampla na vida social, exigindo a formação de um leitor capaz de questionar as verdades manifestas por meio da linguagem, uma vez que a leitura não pode ser pensada como revelação de significados, mas sim como um processo historicamente determinado que expressa os anseios da sociedade.

A proposta que defendemos é o ensino de leitura do texto jornalístico digital em uma perspectiva dialógica, concebendo a linguagem como forma de ação e interação a sócio-histórica, possibilitando o resgate de uma dimensão mais ampla de compreensão de texto.

Para tanto, o foco da análise será uma abordagem de leitura numa perspectiva dialógica, que será assumida para nortear as leituras realizadas em sala de aula, a interlocução entre autor e leitor intermediada pelo texto, cujos sentidos serão construídos pela materialidade linguística e de modo dialógico:

[..] toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que se dirige para alguém [...] A palavra é uma espécie de ponta lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 1995, p. 13)

Assim, o leitor não será mais um receptor nem destinatário do texto lido, mas sim o interlocutor real de uma enunciação, pois as práticas discursivas são determinadas pela construção das identidades sociais, as posições dos sujeitos sociais, a construção dos sistemas de conhecimentos e crenças, efetivando-se nas relações sociais (FAIRCLOUGH, 2001).

5. O papel do ensino e do professor

Na sociedade digital, o volume de informação é exponencial, o que modifica radicalmente as metodologias de ensino e aprendizagem. A utilização da Internet vem modificando não só a forma de o homem se comunicar, mas também como se processa essa comunicação.

Para Lévy (1999), o professor, na era da cibercultura, deve ser um arquiteto cognitivo, um profissional que estimule a troca de conhecimentos entre os alunos, desenvolvendo estratégias metodológicas, que promovam a construção de um aprendizado contínuo, de forma autônoma e integrada, e os habilitem, ainda, para a utilização crítica das tecnologias. Segundo Moran (2000, p. 32), “uma parte importante da aprendizagem acontece quando relacionamos, integramos todas as tecnologias, as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas e corporais”.

Com essas inovações, nasce também a necessidade de novas práticas de leitura e de escrita, mais críticas, ante o universo informacional da rede. Dessa forma, torna-se necessário um letramento digital, ou seja, a aquisição de uma competência específica para esse meio, vista aqui como a capacidade de compreensão e utilização de informação em diferentes formatos e de fontes variadas.

Soares (2002) defende que o letramento na cibercultura impõe uma condição diferente daquela conduzida pelas práticas de leitura e de escrita à mão ou tipográficas, o letramento na cultura do papel.

A tela, como novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e, até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento. [...] A hipótese é de que essas mudanças tenham consequências sociais, cognitivas e discursivas, e estejam, assim, configurando um letramento digital, isto é, um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel. (p. 146)

Além dos conhecimentos técnicos sobre informática, o aluno necessita, principalmente, de conhecimentos que o auxiliem na pesquisa e no julgamento do material *on-line*, na aquisição de um posicionamento crítico que favoreça sua inserção na nova realidade virtual. E essas competências podem ser desenvolvidas com o auxílio do professor que, ao utilizar as ferramentas, também estará imerso nesse ambiente, podendo mostrar alternativas e ensinar condutas que favoreçam um uso consciente e crítico dessas tecnologias.

6. A produção de um jornal *on-line*

Para estimular o uso das tecnologias digitais e a aquisição de habilidades de leitura e escrita, uma boa estratégia seria a implementação de um projeto de um jornal escolar, visando a desenvolver no aluno a capacidade de interagir nas formações sociodiscursivas que existem na sociedade. Essa interação ocorre por meio dos textos empíricos, como afirma Bronckart (1999, p. 108):

O texto singular ou empírico designa uma unidade concreta de produção de linguagem, que pertence necessariamente a um gênero, composta por vários tipos de discurso, e que também apresenta os traços das decisões tomadas pelo produtor individual em função da sua situação de comunicação particular.

Marcuschi (2006) enfatiza que o educador, preocupado em ajudar seus alunos no desenvolvimento da competência discursiva, deverá procurar compreender que os textos pertencentes aos gêneros estão armazenados no intertexto, podendo assim ser compartilhados pelos usuários, de uma forma dinâmica e interativa.

Nesse contexto, a produção de gêneros jornalísticos em um jornal escolar *on-line* pode transformar-se em um contínuo de atitudes pedagógicas associadas, que buscam o desenvolvimento pleno do aluno, pois instauram debates, bem como atividades de reescrita, compreensão e reflexão. Também é recomendável fazer uma visita *on-line* a diversos jornais nacionais e locais e uma visita a um jornal impresso, aonde os alunos podem fazer perguntas e ter uma ideia de como ocorre a edição dessa importante mídia.

A produção do jornal *on-line* possibilitará aos alunos a oportunidade de aprender sobre tecnologias hipertexto e hipermídia, pois esses elementos instauram a linearidade e diversidade de informações interligadas, “[...] numa situação de extrema rapidez de acesso e alimentação (Instantaneidade e Interatividade) e de grande flexibilidade combinatória (Hipertextualidade) [...]”. (PALACIOS, 2003, p. 25).

As páginas da Internet são ferramentas concretas, nas quais educadores e educandos têm a possibilidade de divulgar seus próprios textos, tornando-se coautores e aprendizes simultaneamente. Além do desenvolvimento da capacidade de leitura e escrita, a criação de um jornal *on-line* estabelece um elo entre a escola e a comunidade, pois somente quem conhece a comunidade entende as necessidades de informação e pode intervir de maneira crítica, provocando mudanças em seu contexto social.

Considerações finais

O conhecimento intertextual e discursivo, adquirido no contato com os diversos tipos de texto que compõem o jornal digital, constitui um fator determinante para ampliação da competência de leitura e para o possível desencadeamento de uma leitura crítica.

Os textos não são enunciados independentes, mas uma cadeia de enunciados que se complementam entre si, indicando a necessidade de se trabalhar

com textos numa perspectiva intertextual engajada, questionadora e responsiva. Eles são contemplados direta ou indiretamente pelo discurso do outro, configurando a dialogicidade da linguagem. Nesse sentido, as informações veiculadas pela mídia passam pelo filtro ideológico daqueles que a produzem e novamente são filtradas por aquele que as recebe.

A produção de gêneros textuais jornalísticos, realizada numa concepção dialógica intermediada pela noção de gênero discursivo, proporciona a construção de repertórios de textos pertencentes a diversos gêneros, possibilitando que os alunos adquiram a competência linguística numa perspectiva intertextual e hipertextual.

Nesse contexto, o dialogismo bakhtiniano adquire uma maior visibilidade na forma como os textos se interligam, pois o ciberespaço se configura como uma infinidade de leituras possíveis. Sendo assim, um jornal *on-line* produzido e editado de forma colaborativa pelos alunos é um aprendizado interdisciplinar que naturalmente cria coautores e leitores em potencial, estabelecendo a comunicação e os registros culturais e informativos da comunidade escolar.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BALTAR, M. *Competência discursiva e gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula*. Caxias do Sul: Educs, 2006.
- BARRETO LÉ, J. Hipertexto e fluxo informacional: considerações sobre o dado e o novo na web. In: RIBEIRO, A. E. et al (Orgs.). *Linguagem, tecnologia e educação*. São Paulo: Peirópolis, 2010.p. 64-76
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC, 2000.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: Educ. 1999.
- CAVALCANTE, B. C. M. Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, C. A. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3ªed. São Paulo: Cortez, 2010. p.198-206

- COPE, B; KALANTZIS, M. *Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures*. Londres: Routledge, 2000.
- DOLZ, J; SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001.
- GONÇALVES, E. M. *La estructura de la noticia en las redes digitales: un estudio de las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas en el periodismo*. 2000. 521 f. Tese (Doutorado em Jornalismo e Ciências da Comunicação) - Faculdade de Ciências da Comunicação, Universidade Autônoma de Barcelona. Barcelona, 2000. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/downloads/tese_elias.pdf/>. Acesso em: 01/05/2015.
- KOCH, I. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1986.
- _____. *O texto: construção de sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- _____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, C. A. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. São Paulo: Cortez, 2010.
- MORAN, J. M. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papyrus, 2000.
- PAIVA, V.L.M.O. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. (Orgs.). *Hipertextos e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.68-90.
- PALÁCIOS, M. *Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória*. Modelos do jornalismo digital. Salvador: Calandra, 2003. p. 14-36.
- PINHO, J. B. *Jornalismo na Internet: planejamento e produção da informação on-line*. São Paulo: Summus, 2003.
- PINHEIRO, R. C. Estratégias de leitura para a compreensão de hipertextos. In: ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernadete (Orgs.). *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 146.
- SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.
- SOARES, M. B. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. Educação e Sociedade, Campinas, 2002.
- XAVIER, C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A; XAVIER, C. A. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 218-220.